

O TRANSFRONTEIRISMO DA CULTURA GAÚCHA NA REGIÃO DO PRATA:  
DOS CHANGADORES ÀS FRONTEIRAS CULTURAIS  
THE CROSS-BORDERNESS OF GAÚCHA CULTURE IN THE PRATA REGION: FROM  
CHANGADORES TO CULTURAL FRONTIERS

Ricardo Bruno Boff<sup>1</sup>  
Nicole Elisabeth Lucas Machado<sup>2</sup>

28

**RESUMO**

A formação da “cultura gaúcha” se deu a partir do encontro dos colonizadores ibéricos com os indígenas, na região do Rio da Prata. O *gaucho* platino caracterizava-se como uma figura crioula, com baixa vinculação a reinos ou pátrias e quase sem limites fronteiriços à sua circulação. Mas, com o surgimento dos tratados de limites coloniais e, sobretudo, dos países independentes, criaram-se tradições gaúchas separadas na Argentina, no Brasil e no Uruguai, como parte da formação das identidades nacionais e regionais. No Brasil, buscou-se separar o “bom” gaúcho brasileiro do *malo gaucho* platino, utilizando-se a Revolução Farroupilha como mito fundador do gaúcho heróico. O problema de pesquisa está nesta “separação” de uma matriz cultural originalmente unificada e na possibilidade de reintegrá-la na atualidade. O objetivo geral foi demonstrar o caráter transfronteiriço da cultura gaúcha. Tratou-se de um trabalho exploratório, que se utilizou de fontes científicas e jornalísticas, além de trechos de músicas e poemas a fim de retratar os elementos da cultura gaúcha trazidos ao longo do texto. Ao final, foi possível de explorar seu potencial integrador, através do conceito de “fronteiras culturais”.

**Palavras-chave:** Identidade cultural; Cultura Gaúcha; Rio da Prata.

**ABSTRACT**

The formation of the “gaucho culture” took place from the encounter of the Iberian colonizers with the indigenous people, in the *Rio da Prata* region. The *platino* gaucho was characterized as a Creole figure, with little connection to kingdoms or homelands and almost no border limits to his circulation. But with the emergence of treaties of colonial boundaries and, above all, of independent countries, separate gaucho traditions were created in Argentina, Brazil and Uruguay, as part of the formation of national and regional identities. In Brazil, there was a separation of the “good” Brazilian gaucho from the “bad” *platino* gaucho, using the *Farroupilha* Revolution as a founding myth of the heroic Brazilian gaucho. The research problem lies in this “separation” from an originally unified cultural matrix and in the possibility of reintegrating it today. The general objective was to demonstrate the cross-border character of the gaucho culture. It was an exploratory work, which used scientific and journalistic sources, as well as excerpts from songs and poems to portray the elements of the gaucho culture brought throughout the text. In the end, it has been possible to explore its integrative potential, through the concept of “cultural borders”.

**Keywords:** Cultural identity; Gaucha Culture; Río de la Plata.

**Data de submissão:** 11.01.2022.

**Data de aprovação:** 17.02.2023.

<sup>1</sup> Doutorando em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em Direito pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professor da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1904786510399806>. E-mail: [ricardo.boff@univali.br](mailto:ricardo.boff@univali.br).

<sup>2</sup> Graduada em Relações internacionais na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7961-3365>. E-mail: [nicolelucasm@edu.univali.br](mailto:nicolelucasm@edu.univali.br).

O Conteúdo desta produção é de inteira responsabilidade do autor.

**Rev. Inf. Cult.**, v. 5, n. 1, jan./jun. p. 28-49, 2023. E-ISSN: 2674-6549.

Site: <https://periodicos.ufersa.edu.br/ric>

DOI: 10.21708/issn2674-6549.v5i1a11044.2023

Licença: cc-by-sa/4.0

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de construção de uma identidade cultural envolve um conjunto de interações sociais, situadas em determinado meio geográfico, que se transformam ao longo do tempo. A figura histórica do gaúcho formou-se a partir das interações humanas na região do Rio da Prata, que se estende ao redor da parte baixa dos rios Uruguai e Paraná, sobretudo no bioma do pampa, composto por vastas terras de planície existentes entre Argentina, Brasil e Uruguai.

O gaúcho é uma figura crioula, isto é, um tipo surgido na América do Sul. Suas raízes originam-se da mescla dos ibéricos com os indígenas que aqui habitavam e, em menor medida, com os africanos trazidos para o continente. Entre os séculos XVI e XVIII, o gaúcho circulou livremente pela pampa, praticamente desconhecendo limites fronteiriços e com escassa e fluída identificação com os Reinos de Portugal e Espanha.

Com o surgimento dos tratados coloniais, que buscavam traçar limites fronteiriços, o caráter errático do gaúcho começou a desaparecer. Isso se intensificou nas nações independentes, quando cada país tratou de adaptar essa figura aos projetos políticos dominantes. No Brasil, surgia o gaúcho brasileiro, cuja figura, inspirada na Revolução Farroupilha, foi moldada para se identificar com o republicanismo e o federalismo. Fomentou-se o mito do gaúcho herói, defensor das fronteiras, para diferenciá-lo do *gaucho platino*, tido como bárbaro. Foi sobretudo no Rio Grande do Sul que esses mitos da cultura gaúcha se institucionalizaram, principalmente através dos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs).

A partir dessas observações iniciais, o problema de pesquisa está na “separação” dessa uma matriz cultural originalmente unificada e na possibilidade de reintegrá-la na atualidade. O estudo das culturas fronteiriças permite avançar na compreensão da dinâmica das relações sociais nesses espaços, bem como no aprofundamento da integração dos povos que dela participam.

O objetivo geral foi demonstrar o caráter “transnacional” da cultura gaúcha. Como metodologia, tratou-se de um trabalho exploratório, de caráter qualitativo, realizando-se revisão da literatura acadêmica, com contribuições jornalísticas. Em diversos momentos do texto, trechos de músicas e poesias foram destacados para ilustrar o conteúdo.

O artigo foi dividido da seguinte maneira: apresentação da origem “apátrida” do gaúcho; análise da transformação da imagem do gaúcho brasileiro, de bandido à herói republicano; análise do processo de “separação” entre o gaúcho brasileiro/sul-riograndense e o *gaucho* platino; exploração do conceito de “fronteiras culturais”, que permitiu destacar a diversidade e o potencial integrador da cultura gaúcha na atualidade.

## 2 “SEM REI NEM LEI”: AS ORIGENS DO GAÚCHO

A identidade cultural habita o campo do imaginário popular, através de um conjunto de percepções, ideias, símbolos e valores compartilhados pela sociedade. Como afirma Hall (1999, p. 71), “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos”, o que significa que estão vinculadas a determinado espaço geográfico que, com o passar do tempo, podem expandir-se, reduzir-se, fragmentar-se ou mesclar-se com outros espaços.

Nesse sentido, Bezzi (2002, p. 7) define uma “região cultural” como “uma construção mental que, a partir de uma visão seletiva da realidade, congrega elementos de forma intersubjetiva, criando um código próprio que norteia as decisões e os comportamentos”. Mesmo que ligada à terra, a identidade cultural é fluida, sendo (re) construída, modificada e manipulada continuamente.

A identidade cultural é constantemente utilizada como forma de alimentar, consolidar ou legitimar movimentos políticos, seja qual for sua natureza ideológica. É dessa maneira que Hobsbaum e Ranger (1984) entendem a “invenção de tradições”, que consiste em um conjunto de símbolos organizados e direcionados a fim de manter uma comunidade coesa e vinculada a determinadas estruturas políticas. Como aponta Woodward (2000, p. 41), a identidade cultural pode ser utilizada como “[...] um sistema partilhado de significações que permitem a uma comunidade classificar e manter a ordem social”.

No espaço da região do Rio da Prata, a identidade cultural gaúcha vem exercendo essa função, ao possuir “códigos culturais” compartilhados, construídos e reconstruídos ao longo da história, dos quais derivam movimentos vinculados aos projetos políticos de seu tempo, como o tradicionalismo gaúcho no Brasil.

O gaúcho caracteriza-se como um tipo autoctone, resultante do encontro de raças e culturas na região do Prata. Seguindo uma tendência geral da América Latina, as principais correntes culturais que o compõe são a ibérica, a indígena e, mais tarde, a africana.

Os imigrantes da Península Ibérica, sobretudo do Algarve e da Andaluzia, trouxeram consigo as influências árabes típicas destas regiões. Dentre as mais marcantes, está o costume dos beduínos, povos nômades oriundos do norte da África, de cavalgar desertos quase desprovidos de barreiras geográficas (ORNELLAS, 1948). Na música, a junção de ritmos árabes com a guitarra e o acordeon ibéricos aparece na poesia e no cancionário gaúchos<sup>3</sup>. A própria bombacha, calça típica do gaúcho, foi trazida pelos mouros à península (DUARTE, 2015).

Além dos peninsulares, muita gente dos arquipélagos contribuiu com a cultura gaúcha, a exemplo dos espanhóis oriundos das Canárias e, principalmente, dos portugueses procedentes da Madeira e dos Açores. Com o tempo, europeus de outras partes, como alemães e italianos, trariam também suas influências (LESSA, 2002).

O gaúcho surgiu, efetivamente, da mescla do ibérico com o indígena, o que possibilitou que o habitante original das Américas deixasse grande legado à cultura. Conforme Machado (2012, não paginado):

Chiripá, jacuí, amendoim, faixa na cabeça, ibicuí, porogo, bota garrão de potro, ibirapuitã, paçoca de pinhão, pilão, abóbora, tupanciretã, anguera, laço de couro, vacacaí, cozido com mandioca, boitatá, rancho de pau a pique barreado, grito de sapucaí, fogo de chão, jaguar, milho assado, guri, taquarí, boleadeiras, pampa, pala, palheiro, churrasco, chimarrão, tatu, chácara, imembuí, chê, pelos duros, morenas da fronteira, herói e mito Sepé Tiaraju. Tudo isto é gaúcho, tudo isto e muito mais é legado indígena.

<sup>3</sup> Os trovadores ou *payadores*, compositores e declamadores de versos rimados típicos da região do pampa, com como fandango do Ribatejo português, que aportou no Rio da Prata, já se faziam presentes nos povos beduínos na antiguidade.

Outro elemento que, mesmo em menor número, mesclou-se com as duas matrizes anteriores, é o negro africano, a partir da introdução da escravidão na região da pampa no início do século XVIII. No folclore, lendas como o Negrinho do Pastoreio marcaram a presença do negro; na culinária, exemplos como mondongo e mocotó; na música, a introdução de vários tambores (CASTILHO, 2015).

A palavra “*gahuchos*” foi registrada pela primeira em uma comunicação emitida por Dom Pablo Carbonell, Comandante de Maldonado, no Uruguai, datada em 23 de outubro de 1771. Em documentos oficiais portugueses, a expressão “gaúcho” teve sua primeira aparição no ano de 1787, servindo para descrever um tipo humano que se mostrava rude, desprovido de cultura e propenso a ser selvagem (DUARTE, 2018).

Seu surgimento está intimamente ligado ao bioma do pampa, espaço localizado na região leste da Argentina, em todo território uruguaio e na parte Sul do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma longa extensão de pradarias caracterizada por vegetação rasa e baixas altitudes, o que facilitou a atividade diretamente relacionada à origem do gaúcho, que é a pecuária de gado selvagem.

A partir da chegada da Companhia de Jesus em 1632, com o padre Roque Gonzáles de Santa Cruz, os jesuítas formaram mais de 30 povoados (conhecidos como “reduções”) em toda a região do Prata. A leste do Rio Uruguai, foram criados os “Sete Povos das Missões da Banda Oriental”, conhecidos também como Missões Orientais, com apoio da Coroa Espanhola, que as considerava útil à expansão territorial. De modo geral, os jesuítas conseguiram “conquistar” os indígenas e fazer prosperar suas reduções (DUARTE, 2018).

Para a subsistência das comunidades, o gado foi introduzido em grande quantidade. Devido ao furto junto às missões, ou mesmo à fuga, muitos animais foram abandonados nos campos, onde se reproduziam sem predadores naturais. Esse gado selvagem, conhecido como “*ganado chimarrón*”, deu origem a grandes rodeios de animais livres, conhecidos como Vacaria dos Pinhais e *Vacaria del Mar* (DUARTE, 2018).

O gado das vacarias, livres nos campos pampeanos, passou a chamar a atenção dos portugueses que habitavam a Colônia do Sacramento<sup>4</sup>, de bandeirantes oriundos da região de São Vicente (atual São Paulo), de espanhóis provenientes de cidades como Buenos Aires e Assunção, bem como dos indígenas, que iam se mesclando aos europeus. Surgem então as figuras “antecedentes” do gaúcho, que são os “*changadores*”, que consistem em homens que se dedicavam à captura do gado selvagem e ao contrabando do couro a navios piratas europeus. O comércio do couro baseava-se na troca por objetos manufaturados, como artefatos de metal e licores. Na medida em que a demanda aumentava, surgiam no início do século XVIII atividades mais organizadas, que marcam a lida do gaúcho: as *charqueadas* e as *tropeadas*<sup>11</sup>, que consistem respectivamente na transformação da carne em charque, através do método de conservação pelo sal, seguida do transporte através de mulas e cavalos a outras regiões da América portuguesa e espanhola (DUARTE, 2012).

Para realizar a captura e o transporte do gado, o cavalo tornou-se outro elemento crucial da cultura gaúcha. Na sua lida, utilizava-se o cavalo crioulo, animal que também se reproduzia livremente na pampa, a partir de animais desgarrados dos primeiros espanhóis a circularam na banda oriental. Os changadores tornaram-se exímios domadores, utilizando-se das boleadeiras<sup>5</sup>, originárias dos índios charruas, para atacar o gado selvagem. Os versos da canção “Gaúcho”, do cantor Luiz Marengo, trazem algumas dessas características,

De primeiro foi o boi alçado  
E eu andava junto nas arreadas  
A solidão do campo, a faca afiada  
Bombero e changador atrás do gado

E sempre de a cavalo olhando o campo  
Eu vi rasgarem a primeira estrada  
Segui junto do gado o ofício santo  
Ponteiro em comitiva de tropeada (GAÚCHO, 2017).

<sup>4</sup> Vila criada por Portugal em 1680, a fim de conter a expansão espanhola na Banda Oriental.

<sup>5</sup> Instrumento que consiste em bolas de pedras atadas a cordas, o qual era lançado no pescoço do gado para atá-lo e capturá-lo.

Portanto, a mescla de portugueses, espanhóis e índios atraídos pelo gado selvagem, proporcionou a composição mestiça do gaúcho, que em geral se dava através de relações entre homens portugueses ou espanhóis e mulheres indígenas. Os versos da música “Gritos dos Livres”, de Dante Ramon Ledesma, retratam esta característica:

Quando os campos deste sul eram mais verdes  
Índios pampeanos que habitavam o lugar  
Foram mesclando com a raça do homem branco  
Recém-chegado de querências além-mar

E o novo ser que se formou miscigenado  
Virou semente, germinou e se fez povo  
E um grito novo ecoou no continente  
Lembrando a todos que esta terra tinha dono (GRITO DOS LIVRES, 1986)

Essa mescla de fatores que dá origem ao gaúcho é sintetizada por Duarte (2018, p. 11): “O gaúcho não existiria sem o changador; o changador não existiria sem o gado das vacarias; os rodeios das vacarias não existiriam sem a necessidade das Missões Orientais que providenciou a Estância de Japejú<sup>6</sup>”.

O gaúcho original, portanto, era um “ladroão” de gado que vivia sob suas próprias leis, mesclando os idiomas ibéricos com os indígenas e podendo, conforme sua conveniência, servir aos exércitos tanto da Espanha, quanto de Portugal. Meyer (1957, p. 18) os definiu como “homens sem lei nem rei, que moravam na sua camisa, debaixo do seu chapéu”.

---

<sup>6</sup> A Estância de Japejú, localizada na margem direita do rio Uruguai, próximo ao atual município de Uruguaiana, era conhecida por abrigar milhares de cabeças de gado.

## 3 DE GAUDÉRIO A HEROI REPUBLICANO

A imagem do gaúcho, nos seus primórdios, era bastante pejorativa, associada à bandidagem e à selvageria. O termo *gaudério*, empregado para esses indivíduos, significava pessoa sem ocupação regular, vagabundo ou andarilho dos campos.

A vida “sem fronteiras”, porém, começaria a desaparecer na medida em que as Coroas traçavam suas linhas divisórias e concediam terras a grandes proprietários. No século XVIII, surgiram os tratados coloniais entre Espanha e Portugal – principalmente, os Tratados de Madrid<sup>7</sup> (1750) e Santo Ildefonso (1777). Após a assinatura, iniciou-se a ocupação mais ordenada pelos colonizadores, tanto por questões estratégicas, quanto para controlar o rico comércio do charque. As concessões de terras deram origem à figura do “sesmeiro”, proprietário de grandes estâncias. As charqueadas e o processamento do couro, antes feitos de modo manual pelo gaúcho, passaram a ser industrializados somente por empresas autorizadas. Criava-se assim uma nova ordem econômica e social, que redefinía o uso do espaço e obrigava o gaúcho a se adaptar para sobreviver. Aos poucos, passou de homem livre dos campos a soldado de um só rei e peão de estância (GOES FILHO, 2015). Segundo Duarte (2018, p.18), “Já não mais caçadores de gado alçado, mas prestadores de serviço às estâncias, finalmente inseridos na organização da sociedade que se desenhava”.

A reorganização política do espaço e a ampliação da propriedade privada fez do gaúcho um deserdado da terra. A canção de Cenair Maicá, “Da terra nasceram os gritos”, descreve essa passagem da história,

Meu canto é rio, meu canto é sol, meu canto é vento,  
Eu tenho berço, eu tenho pátria, eu tenho glória,  
Eu só não tenho terra própria porque a história  
Que eu escrevi, me deserdou no testamento! (DA TERRA NASCERAM OS  
GRITOS, 1994).

<sup>7</sup> A execução do Tratado de Madrid pelas duas Coroas deu origem às “Guerras Guaraníticas”. Com a derrota dos indígenas e jesuítas, ocorreu a conseqüente dispersão de seus habitantes e dos animais pelo território platino (FAUSTO, 1995).



Finalmente, a formação dos países do Prata, ocorrida a partir dos processos de independência, “fragmentaria” a trajetória do gaúcho, inicialmente um “apátrida”, fazendo surgir tradições separadas, ligada ao nacionalismo e/ou regionalismo de cada país. Esse movimento acompanhou as guerras entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, ao longo do século XIX, bem como as rivalidades e disputas comerciais e diplomáticas, que permaneceriam mesmo após a definição das fronteiras no início do século XX (FAUSTO, 1995).

Optou-se por não tratar, neste trabalho, da “invenção” da tradição gaúcha nos países vizinhos, mas pode-se destacar o poema *Martín Fierro*, de José Hernandez, como um mito fundador da identidade *gaucha* argentina e uruguaia. Já no Brasil, o *gauchismo* passou a ser identificado, principalmente, com o Rio Grande do Sul, a partir dos mitos que envolveram a Revolução Farroupilha, após a proclamação da república no Rio de Janeiro.

A Revolução Farroupilha (1835-45) foi um conflito armado de caráter republicano, cujos líderes se posicionavam contrários ao governo imperial do Brasil. As principais reivindicações dos estancieiros e dos industriais do charque eram que o Império forçasse o Uruguai a acabar com a taxaço do gado, e que taxasse o charque proveniente dos países vizinhos. Com a proclamação da República Riograndense, surgiu a bandeira tricolor (que viria a ser adotada pelo Rio Grande do Sul), nas cores verde, vermelha e amarela e os dizeres “liberdade, igualdade e humanidade”<sup>25</sup> (DUARTE, 2012).

Após diversas batalhas, o Império derrotou militarmente os farroupilhas, mas concedeu as principais reivindicações dos líderes. Com a assinatura do Tratado do Poncho Verde, estabeleceu-se o fim da revolução, sendo concedida a absolvição plena dos revoltosos, a manutenção de suas patentes militares e, mais importante, a concessão dos benefícios tributários e aduaneiros que solicitavam (DUARTE, 2012).

Nos anos seguintes, prevaleceu uma atmosfera negativa sobre a revolução. Havia o silêncio de muitos de seus protagonistas e a recriminação por parte do Império, devido à inspiração republicana de alguns revoltosos. Conforme Zalla e Menegat (2011, p. 5), o discurso depreciativo que se seguiu criava uma “identidade regional pejorativa”, pois o

gaúcho sul-riograndense era identificado com a selvageria e violência que, conforme o imaginário no Império do Brasil, caracterizava a região do Prata.

Com o tempo, porém, sentiu-se a necessidade de modificar a imagem negativa da Revolução Farroupilha, bem como do gaúcho brasileiro. Intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGSP)<sup>26</sup>, como Domingos José de Almeida, passaram a dar ao episódio um status de “glória nacional”, ou seja, colocar os farroupilhas como defensores da pátria e do território e do Brasil.

A mudança de postura teve várias causas. Com o fim da Farroupilha, o Império passou a ser mais ativo no Rio da Prata, movimento a que Cervo e Bueno (2012) chamam de “fim do imobilismo no Prata”, cuja razão mais urgente era derrotar a aliança entre os caudilhos Juan Manoel Rosas (Argentina) e Manuel Oribe (Uruguai) e fortalecer a posição geopolítica brasileira. Assim, os exércitos gaúchos se tornaram peças fundamentais nas disputas e guerras da segunda metade do século XIX<sup>8</sup>. A vitória brasileira na Guerra da Tríplice Aliança<sup>9</sup>, com destacada participação das tropas do Rio Grande do Sul, fez com que o gaúcho passasse a ser visto com “louvor e admiração” (DUARTE, 2012).

Mas foi a Proclamação da República, em 1889, que trouxe nova perspectiva à imagem da Revolução. Para consolidar o republicanismo federalista, defendia-se que a exaltação das especificidades de cada região era compatível com a construção da união nacional. O caráter “separatista” passou a ser encoberto, reforçando-se o o lado republicano dos revoltosos:

Os farrapos passavam a ser considerados exemplos a serem seguidos, nomes a serem laureados e monumentalizados. Suas ações durante a rebelião contra o Império eram consideradas como embrião da causa dos republicanos e não mais como, no discurso de arrependimento de duas décadas antes, resultados funestos das contingências impostas numa lógica de guerra (ZALLA; MENEGAT, 2011, p. 7).

<sup>8</sup> Rosas e Oribe foram derrotados na Guerra do Prata, em 1852.

<sup>9</sup> A vitória resultou na nomeação de dois ministros rio-grandenses, em 1878: Gaspar Silveira Martins, para o Ministério da Fazenda, e Manoel Luís Osório, para o da Guerra.

Após a Proclamação, eclodiu no Rio Grande do Sul a chamada Revolução Federalista. Nela, as tropas federalistas, lideradas por Gaspar Martins, mais próximas à monarquia e conhecidas como *maragatos*, foram derrotadas pelos republicanos, ligadas ao governo republicano do Brasil e conhecidas como *chimangos*, sob liderança de Júlio de Castilhos. Essa dupla vitória republicana permitiu que os proclamadores da República Rio-Grandense fossem colocados, definitivamente, no panteão de heróis do Estado e do país (ZALLA; MENEGAT, 2011). Desde então, surgiu uma série de manifestações e publicações de exaltação à Farroupilha, monumentos foram erguidos e municípios batizados em homenagem à revolução e a seus heróis (Garibaldi, David Canabarro, etc.). A canção “Maragato Farroupilha”, do Grupo Muuripás, ilustra a exaltação desse herói:

Quando peleavas no campo com vento na cara e pés no chão  
Sentindo queimar em teu peito a chama ardente da revolução  
Sonhavas com a liberdade e paz voltando para o teu rincão  
Gaúcho lutavas com raça enquanto golpeavas com lança e facão  
Eita gaúcho bom sentinela de coxilha  
Eita gaúcho bom maragato farroupilha (MARAGATO FARROUPILHA, 1987).

No início do século XX mas, sobretudo, a partir da década de 1930, intensifica-se a mecanização da produção de carnes e couro e aumentam o trabalho assalariado e a urbanização. Como consequência, ocorriam transformações nas relações sociais que enfraqueciam costumes do campo típicos da vida do gaúcho. Ao mesmo tempo, aumentava a centralização da economia gaúcha em Porto Alegre e a ocupação da serra por imigrantes italianos e alemães, baseados na pequena propriedade, o que dava maior importância a essa região (ZALLA; MENEGAT, 2011).

É nesse contexto que, somando-se à exaltação dos farroupilhas, vários autores passaram a exaltar a figura do gaúcho, seu folclore, costumes e tradições. Não deixar a tradição padecer, portanto, era algo que interessava a intelectuais gaúchos, preocupados em consolidar uma identidade regional. Escritores<sup>10</sup> como João Simões Lopes Neto e Alcides

<sup>10</sup> O primeiro autor a escrever um romance onde o gaúcho aparece como herói, no entanto, foi o cearense, morador do Rio de Janeiro, José de Alencar. O autor, que sequer conhecia o sul do Brasil, em sua obra “O

Castilho Maya narravam a vivência no pampa, com lendas e histórias que compunham o imaginário local. Dava-se início a era do heroísmo e da exaltação das raízes culturais.

#### 4 O “BOM” GAÚCHO BRASILEIRO, O MALO GAUCHO PLATINO

Em 1920, surge o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), inspirado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), responsável por construir a memória sul-riograndense. Gutfreind (1989) afirma que os historiadores da época fizeram a delicada operação de “separar” o gaúcho brasileiro do *gaucho* platino – afinal, era preciso reforçar a imagem daquele como herói na defesa das fronteiras. Assim, superou-se a versão historiográfica chamada *platina*, que tendia a exaltar o caráter separatista da Revolução Farroupilha e ligar o Rio Grande do Sul mais profundamente ao Rio da Prata<sup>11</sup>, em prol da *lusitana*, apoiada pelo IHGRS, que reforçava o vínculo deste Estado com o Brasil, tratando o gaúcho como sentinela da fronteira portuguesa e, posteriormente, brasileira. Ou seja, um patriota defensor da República.

No mesmo sentido, Nedel (2005, p. 358-359) afirma que, a partir dos anos 20, buscou-se diferenciar o “bom” gaúcho sul-riograndense, de origem lusitana, do “malo” *gaucho* platino, de origem hispânica. Nas teses apresentadas ao Congresso do IHGRS, no Centenário Farroupilha em 1935, consolidava-se a versão de que o pampa castelhano havia sido habitado por bandoleiros a serviço de caudilhos, que correspondia à “*chusma*”<sup>12</sup> espanhola, co-responsável pela formação “anárquica” e “fragmentada” de suas repúblicas. Já o gaúcho rio-grandense era de estirpe mais nobre, capaz de valorizar a moral e os bons costumes e defender a pátria, além de ser pacífico e trabalhador. No Rio Grande do Sul, segundo Rodrigues (1936, p. 319-320), “Daí vem ser considerado verdadeiro Gaúcho entre nós o campeiro que se veste bem, que encilha com luxo o seu flete - o estancieiro, filho de estancieiro, o capataz, o remediado”.

---

gaúcho”, de 1870, o retrata como o herói do campo, que tem suas raízes ligadas à vida em contato direto com a natureza, em uma história pautada no romantismo.

<sup>11</sup> Autores como Assis Brasil, Alcides Lima e Alfredo Varela compunham essa corrente.

<sup>12</sup> Expressão da língua espanhola que significa algo como “gentalha”.

No manifesto de 4 de outubro de 1930, nas vésperas da Revolução, Getúlio Vargas anunciava nos veículos de comunicação locais: “Rio Grande, de pé, pelo Brasil! Não poderá falhar no teu destino heróico”. Consolidava-se o caráter heroico do gaúcho, sempre pronto a lutar pelo Brasil, fosse contra os inimigos externos ou contra os poderes opressores da nação – nesse contexto, contra os oligarcas da República Velha, como fizera contra os monarquistas no século XIX (GUTFREIND, 1989).

Gutfreind (1989 p. 115) afirma que, na construção da histórica política brasileira, fez-se do gaúcho “guardião do território nacional, o mais brasileiro e militarizado de todos; único em condições morais de comandar o país<sup>13</sup>”. Se consolidou, então, a narrativa do gaúcho como herói e o culto às suas tradições passaram a ser parte integrante de sua identidade cultural, estando a Farroupilha no cerne da exaltação.

O passo seguinte, na década de 1940, seria a institucionalização do tradicionalismo gaúcho. Em 1948, foram fundados 35 Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) e, em 1954, realizou-se o 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho. Em 1966, durante o 12º Congresso Tradicionalista Gaúcho, realizado em Tramandaí-RS, criou-se uma entidade unificadora dos centros, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Esse movimento se constitui como referência central na cultura gaúcha, tornando-se seu principal difusor (DUARTE, 2015).

O Movimento Tradicionalista Gaúcho tem como função organizar congressos e convenções onde se debate tudo que se refere ao tradicionalismo gaúcho. Foram oficializadas canções, danças, rituais, vestes, símbolos, datas e comemorações que seus idealizadores construíram como tipicamente gaúchas<sup>14</sup>. Os CTGs se expandiram a outros Estados brasileiros, em grande medida levados pelos imigrantes, e até mesmo a outros países. Surgiu, em 1987, a Confederação Brasileira de Tradições Gaúchas e, em 2001, a Confederação Internacional de Tradições Gaúchas, que congrega as confederações tradicionalistas de Brasil com as da Argentina e do Uruguai (DUARTE, 2015).

---

<sup>13</sup> Em Santa Catarina, comenta-se que esse processo de exaltação do papel do Rio Grande do Sul na defesa terrestre das fronteiras ofuscou a importância da Ilha de Santa Catarina na defesa marítima contra as incursões espanholas.

<sup>14</sup> Dentre as figuras importantes do movimento, destacam-se Manoelito de Ornellas, Glauco Saraiva, Lilian Argentina, Cyro Dutra Ferreira, Luiz Carlos Barbosa Lessa e João Carlos Paixão Cortes. Este foi homenageado na entrada de Porto Alegre com a estátua do “Laçador”.

Outro movimento importante para difusão da cultura gaúcha foi a criação da Califórnia da Canção Nativa, em 1971, cuja primeira edição foi realizada na cidade de Uruguaiana-RS. As canções surgidas nesse festival, realizado anualmente em diferentes cidades, discutem e exaltam o significado de ser gaúcho, com o emprego do linguajar típico e a utilização do acordeon como instrumento principal<sup>15</sup>. As Califórnicas foram de fundamental importância para popularizar a música gaúcha, dando origem a uma indústria cultural que existe até hoje (DORNELLES, 2015).

O tradicionalismo gaúcho acabou por se tornar um movimento organizado que, segundo Mendonça (2018), possui certa rigidez de regras e etiquetas e hierarquia organizacional. O movimento busca recriar a vida das estâncias e promover uma atualização do passado, mesmo que muitos de seus membros estejam afastados da vida campeira. Zalla (2016, não paginado) afirma que “Os ritos tradicionalistas permitem a encenação de um passado mítico, de uma “idade de ouro’ gauchesca perdida. Possibilitam a adesão a esse mundo imaginário pela prática”.

A Revista *online* do Instituto Humanitas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (IHU, 2016) produziu uma edição com entrevistas a pesquisadores do tema, chamada “Gauchismo – a tradição inventada e as disputas pela memória”. Em uma delas, Fischer afirma que os CTGs deram origem a uma cultura conservadora e fechada, com dificuldades de lidar com temas como igualdade de gênero e relações homoafetivas. O autor considera que desenvolveu-se neste meio o uso da “bravata”, que consiste em demonstrar certo senso de superioridade para quem é de fora, a fim de compensar a relativa decadência política e econômica pela qual o Rio Grande do Sul vem passando: “[...] essa combinação de decadência com arrogância encontra uma forma de se expressar que no Rio Grande do Sul, a partir de suas raízes no mundo rural” (IHU, 2016, p. 22).

Para Golin (2016, não paginado), a exaltação do gauchismo também serve para construir uma realidade ilusória: “Chegando aos dias atuais, o Rio Grande do Sul começa a

---

<sup>15</sup> O festival fez tanto sucesso que, na 11ª edição, seus organizadores tiveram de definir o que é música gaúcha. No regulamento, consta que “entende-se por música gaúcha do Rio Grande do Sul aquela que evidencia o tema da terra gaúcha, fundada em seus ritmos folclóricos” (DORNELLES, 2002, p. 255).

pagar o preço pelo descompasso entre a realidade e o seu imaginário cultural. A representação dominante funciona como uma espécie de ilusão que impede a consciência sobre o seu tempo”. Mendes (IHU, 2016, p. 59) afirma que o gauchismo se tornou, em grande medida, uma caricatura, com uma mentalidade presa ao mundo da estância, marcada pelo duelo e pela hierarquização das relações. Um pouco dessa característica conservadora pode ser encontrada na canção “Eu Reconheço que Sou Um Grosso”, de Gildo de Freitas:

Minha sociedade é o meu CTG  
Porque nela enxergo toda a antiguidade  
E não se confunda eu explico por que  
Os trajes das moças não são à vontade  
E se, por acaso, um perverso sujeito  
Querer fazer uso e abusos de agora  
Já entra o machismo impondo respeito  
E arranca o perverso em seguida pra fora (EU RECONHEÇO QUE SOU UM GROSSO, 1979).

Por outro lado, Zalla (2016, p. 34) destaca alguns aspectos positivos da institucionalização: “Um CTG é um espaço de sociabilidade, de trocas e de certa manifestação cultural. Em cidades muito pequenas do interior, às vezes, é o único clube existente. Em outras, é o único que permite a formação de corpos de dança e de música”. Maciel (2016) lembra que, apesar da tendência conservadora, o “gauchismo” contém em si uma força oposta, pois abarca práticas e manifestações culturais abrangentes e multifacetadas, as quais não precisam ser reduzidas a certas escolhas feitas por movimentos tradicionalistas.

## 5 FRONTEIRAS CULTURAIS: A CULTURA GAÚCHA COMO FATOR DE DIVERSIDADE E INTEGRAÇÃO

A ideia de “fronteiras culturais” pensa a cultura como elemento agregador, aberto ao acolhimento do outro e à construção de pontes entre povos e indivíduos. Trata-se, segundo Pesavento (2002), de superar a ideia de “fronteira” como um marco que limita e separa, substituindo-o por outro que exalte a mescla de costumes, vivências e literaturas compartilhadas. Como defende Martins (2002, p. 16), as fronteiras são reconhecidas como “[...] possibilidade e não como limitação”. Pensar em “fronteiras culturais” é exaltar a diversidade e a integração, permitindo que surjam culturas próprias, híbridas, que integrem ao invés de desintegrar:

Fronteiras Culturais remetem à vivência, às sociedades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*<sup>34</sup>, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e ideias. Basicamente, a fronteira cultural aponta para forma pela qual os homens investem no mundo, conferindo sentidos de reconhecimento (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Na região fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai, a ideia de fronteira cultural surge a partir da matriz cultural comum, iniciada pelos changadores. Ou seja, trata-se de inverter a separação promovida entre “os gaúchos” no início do século XX, utilizando-se dos elementos compartilhados como fator propulsor da integração. Isso significa assumir a transnacionalidade da cultura gaúcha como meio de despertar o pluralismo, a diversidade e os vínculos de solidariedade. Leenhardt (2002, p. 26) coloca o “universo gaúcho” como fator unificador dessa região:

Aquilo que, entretanto, caracteriza este território, culturalmente, é a unidade simbólica do universo ‘gaúcho’ tal como ele foi construído na prática e na literatura, ao passo que, politicamente, é a consequência de três entidades geopolíticas, uma zona de conflitos entre três soberanias.



Leenhardt (2002) aborda que a fronteira pode ser um território que possibilita a reconstrução da tradição sob um marco “integracionista transnacional”, que envolve a interação de diversos grupos sociais sob marcos simbólicos comuns. No mesmo sentido, Meyer (1957, p. 68), define o caráter trasfronteiriço do gaúcho:

O gaúcho é o habitante quase nômade da vasta planície platina de um lado e de outro do grande rio. É argentino, é uruguaio, é brasileiro. Em toda a extensão o gaúcho é quase internacional, tipo étnico, branco ou mestiço (mas frequentemente mestiço de sangue indiano).

44

Na canção “Orelhano” - que significa um gado não marcado na orelha, ou seja, sem dono definido, o cantor Dante Ramón Ledesma utiliza essa palavra como metáfora ao gaúcho transfronteiriço:

Orelhano, brasileiros, argentinos  
Castelhanos, campesinos, gaúchos de nascimento  
São tranças de um mesmo tento, sustentando um ideal  
Sem sentir a marca quente, nem o peso do buçal  
Orelhano, ao paisano de tua estampa  
Não se pede passaporte nestes caminhos do Pampa (ORELHANO, 1983).

A visão de fronteira cultural entende como benéfica e necessária a elaboração da mescla de raízes culturais em regiões fronteiriças. Ou seja, as fronteiras devem ser construídas como espaços de ligações e integração, onde “inventar-se” uma tradição integradora. No caso da Fronteira Sul, a existência de uma cultura gaúcha de origem comum, localizada nos changadores do século XVII, facilita o trabalho.

Além disso, a mistura de elementos árabes, ibéricos, de outros europeus, indígenas e africanos demonstra que a cultura gaúcha não pode ser reduzida a uma ou outra manifestação, mas celebrada em toda sua diversidade. O próprio mate, símbolo do gauchismo, significa um símbolo de entendimento e serve como motivo das “tertúlias”, que são rodas de conversa entre amigos nas quais a cuia de mate passa de mão em mão. Em sua canção “Seiva de Vida e Paz”, João Chagas Leite canta essa característica:

Se os senhores da guerra mateassem o pé do fogo  
Deixando o ódio pra trás  
Antes de lavar a erva  
O mundo estaria em paz! (SEIVA DE VIDA E PAZ, 2018).

Finalmente, os próprios símbolos culturais da região platina não necessitam ficar presos ao mundo da estância e do galpão. Por exemplo, o movimento *templadismo* é composto por diversos músicos da região do Prata que entendem haver um “tropicalismo do Sul” e uma “estética do frio” próprios da região platina, propondo um trabalho de integração musical. Cantores como Jorge Drexler (Uruguai), Vitor Ramil (Brasil) e Kevin Johansen (Argentina) compõem canções mais urbanas, que cantam as coisas comuns de seus países. Drexler define o movimento como um marco teórico para a criação de canções no Rio da Prata (PANITZ, 2012).

Assim, é preciso repensar certas atitudes para se vencer antigas barreiras, fazendo da cultura gaúcha um elemento integrador entre países vizinhos e capaz de absorver as diversidades étnicas, de gênero e sexualidade. Alguns mitos distorcidos da história, como o heroísmo dos líderes farroupilhas, devem ser substituídos por símbolos de união. É esse ideal que aparece na canção “Pampa”, de Leonel Gomez:

A Pampa é um país com três bandeiras  
E um homem que mateia concentrado  
Seus olhos correm por sobre as fronteiras  
Que o fazem tão unido e separado  
A Pampa é um lugar que se transcende  
Fronteiras são impostas pelas guerras  
Y el gaúcho com certeza não entende  
Três nomes, três brasões pra mesma terra (PAMPA, 2009).

Em síntese, a diversidade das culturas que compõe a identidade do gaúcho, inspirada na liberdade de movimento dos changeadores, pode inspirar a integração regional do Cone Sul em particular e da América Latina como um todo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade cultural é formada a partir das interações ocorridas em determinado espaço, no qual se desenvolvem valores, crenças e ideias que dão coesão a um grupo social. A identidade é dinâmica, construída e reconstruída, e constantemente utilizada por grupos de poder a fim de legitimar seus interesses.

No universo da cultura gaúcha, observou-se que, nos primórdios da ocupação do Prata, uma mescla de indivíduos errantes, “sem lei nem rei”, montados a cavalo e caçando bois desgarrados na pampa, deu origem aos mitos do gauchismo. Mas, com a ocupação das Coroas ibéricas e a formação dos países do Prata, o gaúcho trocou a liberdade dos campos pelo serviço na estância e a identidade gaúcha foi dividida, surgindo um gaúcho para cada país.

A Revolução Farroupilha foi fundamental na construção do gaúcho brasileiro, que transitou de rebelde a herói republicano, guardião das fronteiras. Assim, separou-se o bom gaúcho lusitano do *malo* castelhano, a fim de reforçar a imagem de herói da pátria. O movimento tradicionalista, sobretudo com os Centros de Tradições Gaúchas, exerceu o papel de “fixador” das tradições, criando regras e hierarquias que, embora reconhecida sua importância na preservação da cultura, são constantemente acusadas de conservadoras, com dificuldade de aceitar a diversidade presente na própria cultura gaúcha.

Assim, a possibilidade de pensar “fronteiras culturais” se mostra bastante relevante, no sentido de resgatar a essência “transfronteiriça” do gaúcho, vencer barreiras que afastam os países e aprofundar a relação com o outro. Busca-se explorar o universo multicultural existente e “reconstruir” a tradição do gaúcho livre e sem fronteiras, mas com o firme propósito de absorver a diversidade e de promover a integração regional.

A criação de pontes culturais a partir de tradições existentes pode servir de elemento integrador não só no Prata, mas em diversas regiões do mundo. Nas fronteiras brasileiras, pode-se pensar o mesmo em regiões como o Alto Paraguai e a Amazônia, ou até mesmo na integração nacional. Instituições existentes, como o Mercosul e a Organização do Tratado de

Cooperação Amazônica, ou outras a serem criadas, podem ser utilizadas para “inventar” tradições de fronteiras culturais. Em tempos de tantas guerras e disputas fronteiriças no mundo, a liberdade dos changadores pode servir de inspiração para uma cultura de paz.

## REFERÊNCIAS

BEZZI, M. L. Região como foco de Identidade Cultural. **Geografia**, Rio Claro, v. 27, p. 5-19, abr. 2002.

CASTILHOS, J. **A Influência negra no Rio Grande do Sul**. 2015. Disponível em: <https://bitly.com/zZjxg>. Acesso em: 11 jan. 2023.

CERVO, A. L.; BUENO, C. **História da política exterior do Brasil**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

DA TERRA NASCERAM OS GRITOS. Intérprete: Cenair Maicá. Compositores: Cenair Maicá E Jaime Caetano Braun. In: *Troncos Missioneiros*, 1994.

DORNELLES, B. **Mídia, Imprensa e as Novas Tecnologias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

DUARTE, R. P. **A Lírica do Prata**. Uruguaiana: Viapampa, 2015.

DUARTE, R. P. **A Nação Pampa**. Uruguaiana: Viapampa, 2018.

DUARTE, R. P. **Períco: A Sociedade Rural do Prata e o Mundo Desenvolvido**. Conquistadores. vol. I. Uruguaiana: Edição do Autor, 2012.

EU RECONHEÇO QUE SOU UM GROSSO. Intérprete: Gildo de Freitas. Compositor: Gildo de Freitas. [S.l.:s.n.], 1979.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. [S.l.:s.n.], 1995.

GAÚCHO. Intérprete: Luiz Marengo. Compositor: Sergio Carvalho Pereira. [S.l.:s.n.], 2017.

GOES FILHO, S. S. **Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2015.

GOLIN, Tau. Na História Rio Grandense quem apostou no cavalo perdeu a guerra. **Gaúcha ZH**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dHNV0>. Acesso em: 11 jan. 2023.

GRITO DOS LIVRES. Intérprete: Dante Ramon Ledesma. Compositor: Jose Fernando Gonzales. [S.l.:s.n.], 1986.

GUTFREIND, I. **A Construção de uma Identidade**: a historiografia sul rio-grandense de 1925 a 1975. 1989. 589 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. São Paulo: DP&A, 1999.

HOBBSAWM, E; RANGER, T. **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IHU - INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Gauchismo**: a tradição inventada e as disputas pela memória. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dgBOX>. Acesso em: 11 jan. 2023.

LESSA, L. C. B. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo**: Como surgiu o Rio Grande. 4. ed. Porto Alegre: Age, 2002.

MACHADO, J. D. S. **Até quando vamos endeusar a Revolução Farroupilha?** Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://bitly.com/lxRXD>. Acesso em: 11 jan. 2023.

LEENHARDT, J. Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais: Brasil-Uruguaí-Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PAMPA. Intérprete: Leonel Gomez. Compositor: Rodrigo Bauer. [S.l.:s.n.], 2009.

PANITZ, L. M. Geografia e música: uma introdução ao tema. **Revista Bibliográfica de Geografía Y Ciencias Sociales**, v. 17, n. 978, 2012. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-978.htm>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MARTINS, M. H. **Fronteiras Culturais. Brasil-Uruguaí-Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MARAGATO FARROUPILHA. Grupo Muuripás. Compositor: Iedo Silva. [S.l.:s.n.], 1987.

MEYER, A. Gaúcho, história de uma palavra. **Cadernos do Rio Grande**, Porto Alegre, 1957.

NEDEL, L. B. **Um passado novo para uma história em crise**: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948 - 1965). 2005. 560 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

ORELHANO. Intérprete: Dante Ramón Ledesma. Compositor: Mário Eleú Silva. [S.l.:s.n.], 1983.

ORNELLAS, M. D. **Gaúchos e Beduínos**: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1948.

PESAVENTO, S. J. Além das Fronteiras. *In*: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais: Brasil-Uruguaí-Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

RODRIGUES, F. C. **Formação Social e Psicológica do Gaúcho Brasileiro**. *In*: CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA SUL RIO-GRANDENSE COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA, 1., 1936, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1936. v.1. p. 317-373.

SEIVA DE VIDA E PAZ. Intérprete: João Chagas Leite. Compositor: Silvio Aymone Genro e João Chagas Leite. [S.l.:s.n.], 2018.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZALLA, J.; MENEGAT, C. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p.1-70.